



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE FILOSOFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Anderson Lopes Da Silva

Sócrates E A Vida Examinada: Uma Abordagem Ética

Maceió, 2024

Anderson Lopes Da Silva

Sócrates E Uma Vida Examinada: Uma Abordagem Ética

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal de
Alagoas. Orientadora: profa. Dra.
Taynam Santos Luz Bueno

Maceió, 2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586s Silva, Anderson Lopes da.
Sócrates e uma vida examinada : uma abordagem ética / Anderson Lopes da Silva. –
2024.
53 f.

Orientadora: Taynam Santos Luz Bueno.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. – Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 52-53.

1. Platão. Apologia de Sócrates. 2. Areté (A palavra grega). 3. Arché. 4. Phýsis. 5. Páthos. I. Título.

CDU: 17

Folha de Aprovação

ANDERSON LOPES DA SILVA

Sócrates E Uma Vida Examinada: Uma Abordagem Ética

Trabalho de Conclusão de Curso/Tese/Dissertação
submetido à banca examinadora do curso de Filosofia-
ICHCA da Universidade Federal de Alagoas e aprovada
em 12 de novembro de 2024.

Prof^a. Dr.^a Taynam Santos Luz Bueno - UFAL

Orientadora

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Flavia Roberta Benevenuto de Souza - UFAL

Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Torres Fonseca - UFAL

Examinador

Agradecimentos

Agradeço a Deus, minha mãe, que sempre me aconselhou em matéria de educação, a ela minha admiração e meu profundo respeito por tudo que tem me ensinado com a sabedoria de sua trajetória. Agradeço a minha família, esposa e filhos, que me incentivaram nas dificuldades que se fizeram presentes e aos meus professores que me “educaram” em filosofia e que estavam sempre disponíveis para me ajudar nas investigações acerca dos assuntos onde encontrava dificuldades.

“Uma vida não examinada não é digna de ser vivida” Sócrates

RESUMO

Nesse presente trabalho de conclusão de curso, apresento um breve caminho que trata da virtude em alguns aspectos na perspectiva histórica-filosófica, desde os pré-socráticos até chegar no escopo desse trabalho que é a *Apologia de Sócrates*. Nela, na *Apologia*, destaco os principais motivos que levaram Sócrates para o julgamento e por fim sentenciado à morte. Obstante há toda a narrativa apresentada por Platão, da apologia, do julgamento e morte de Sócrates, deixo claro quais os motivos que chegaram à condenação, e o mais impactante, o porquê de tal julgamento, já que Sócrates apenas seguia seu exercício vocacionado por um deus.

Palavras-chave: *Areté; Arché; Apologia de Sócrates; Phýsis; Páthos.*

SUMMARY

In this present course conclusion work, I present a brief path that deals with virtue in some aspects from a historical-philosophical perspective, from the pre-Socratics until reaching the scope of this work, which is the Apology of Socrates. In it, in the Apology, I highlight the main reasons that led Socrates to the trial and finally being sentenced to death. Despite the entire narrative presented by Plato, the apology, the trial and death of Socrates, I make it clear what reasons led to the conviction, and the most impactful, the reason for such a trial, since Socrates only followed his exercise called for by a God.

Keywords: Areté; Arché; Apology of Socrates; Phýsis; Pathos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 PRÉ-SOCRÁTICOS, UMA PERSPECTIVA	12
1.2 OS SOFISTAS	15
1.3 O PROBLEMA SÓCRATES	20
1.4 A FILOSOFIA SOCRÁTICA	25
2. SOCRÁTES DE PLATÃO E A QUESTÃO DA VIRTUDE	28
2.1 A IRONIA SOCRÁTICA	29
2.2 A MAIÊUTICA	31
3. A APOLOGIA DE SÓCRATES	39
4. CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	55

1. Introdução

Apresento nesta pesquisa filosófica, uma investigação acerca do pensamento de um dos, ou para muitos, o filósofo de maior relevância na história da filosofia ocidental. Para muitos, Sócrates - que nada nos legou por escrito - desenvolve um pensamento que tem como traço fundamental, segundo Platão - uma filosofia baseada na investigação do ser humano e de suas potências éticas. Isto é, é com Sócrates, segundo Marilena Chauí (CHAUÍ, 2002) que a filosofia supera as reflexões arcaicas sobre os princípios da natureza para se debruçar sobre a ética. Tais investigações, ficaram registradas nos anais da história e se relacionam, simultaneamente, com o desenvolvimento de uma pedagogia do homem interior, como veremos.

Como já apontado, Sócrates não transmitiu seus pensamentos por escrito. Tendo no método dialético de perguntas e respostas seu principal meio de discussão filosófica. Tal fato não nos permite abordar o pensamento socrático por meio dos próprios textos do autor, já que são inexistentes. No entanto, é tomando como fonte basilar os escritos de seus discípulos, sobretudo Platão, que podemos ter acesso aos registros dessa mesma historicidade filosófica que tem atravessado gerações pela riqueza dos seus ensinamentos, e que visa aos aspectos da vida nos seus sentidos, teóricos e práticos, com finalidade na busca da excelência do próprio ser.

Desse modo, tal trabalho de conclusão de curso será fundamentado nos diálogos de Platão onde a figura de Sócrates se localiza como personagem central. O ponto de partida das investigações filosóficas é a celebre passagem onde Sócrates afirma que, ao fazer filosofia, está realizando a vontade de um deus, seguido da narrativa da defesa de Sócrates (que será o texto base da

pesquisa, como já apontado), onde Platão apresenta seu mestre diante de seus acusadores e detratores. Tentaremos apontar importantes aspectos filosóficos neste texto, ao mesmo passo que, ainda que de modo lateral, abordaremos outros textos de grande importância, tais como outros diálogos de Platão: *Êutifron*, *Teeteto*, *Fedro* e *O Banquete*. Tais diálogos nos servirão para melhor expor o pensamento de Sócrates com a demonstração dos ensinamentos e da vida prática de Sócrates que tem como fundamento sua filosofia, uma vida fundamentada na virtude. É a partir do texto *Apologia de Sócrates*, escrita por Platão, que nos propomos a pergunta: Quem foi Sócrates?

Sócrates nasceu por volta de 470/469 a.C., filho de Sofronisco e Fainarete, da tribo Antíoco e do demo de Alópece. (COPLESTON, 2021, p.111). Foi filho de um escultor e de uma parteira. Não fundou Escola filosófica, como os outros filósofos, como também não deixou nada escrito, como já apontado. Sua proposta filosófica se apresentava por meio da tradição oral e seus ensinamentos e exemplos de sua vida foram atentamente anotados por seus discípulos e outros personagens que apresentaram sua vida em diferentes perspectivas. Sabe-se, por exemplo, de alguns relatos acerca da vida e do pensamento de Sócrates: Aristófanes o comediante, que buscava apresentar Sócrates como mais um sofista dentre tantos. Nos textos de comédia de Aristófanes, Sócrates ensinava em lugares públicos (nos ginásios, nas praças públicas), como uma espécie de pregador leigo, exercendo imenso fascínio não só entre os jovens, mas também entre homens de todas idades, e isso lhe provocou rejeições e inimizades (REALE e ANTÍSERI, 2017, p. 83). Temos ainda a imagem de Sócrates descrita por Xenofonte (XENOFONTE, 2006), bem como – como já apontado – o temos retratado em muitos dos diálogos de Platão.

A partir da localização de Sócrates na história da filosofia, buscaremos demonstrar, seguindo os passos apresentado pela filosofia Platão, o pano de

fundo, a partir do advento do movimento sofista, onde é o *locus* que Sócrates se insere e dele avança. Observaremos também a reviravolta apresentada por esses pensadores, pois ao constatar que as investigações (*sképsis*) filosóficas que os pré-socráticos (também conhecidos por filósofos da *Physis*, ou da natureza) empreendiam, apresentavam contradições entre si e em relação à constituição do Ser e de sua origem.

A partir da investigação proposta, pretendo demonstrar através da obra “*A apologia de Sócrates*”, e as que irão gravitar ao seu redor, o ponto nevrálgico do pensamento socrático, este que apresenta como eixo principal a uma espécie de pedagogia de si (*Paideia*), tendo em vista o despertar do homem quanto à sua finalidade (teleologia) por meio do exame racional.

1.1 Pré-socráticos, uma perspectiva

Apresento aqui nessa breve exposição, um dos paradigmas estabelecido pelos filósofos da natureza, que por conta dos métodos apresentados e seu objeto de pesquisa se diferenciam em suas abordagens na história da filosofia. Pois bem, os filósofos da *phýsis* (da natureza) apresentam uma quebra no paradigma da reflexão da narrativa mito-poética, na qual, buscava-se apresentar por meio de narrativas poéticas fantásticas os porquês das coisas, o seu princípio.

Desse modo, a cultura grega antiga tinha por base a oralidade (ensinamentos de tradição oral), que por meio dos poetas, tais como, *Hesíodo* e *Homero*, fundamentavam toda a cultura grega em suas diferentes aplicações pedagógicas, ao falar dos deuses, do cosmo, dos elementos que se apresentam na natureza, etc.

Assim sendo, os filósofos da natureza, rompem com o método,¹ passando do mito (narrativa fantástica, poética) para o argumento baseado da razão, a motivação lógica, o *Logos*. Pois, na perspectiva filosófica não há redução apenas no aparente, no reconhecimento de certos dados de fato, na reunião das experiências. Então, o que faz a filosofia? Diz o comentador italiano:

“A filosofia deve ir além dos fatos, além das experiências, para encontrar a causa ou as causas somente com a razão. É exatamente esse o caráter que confere “cientificidade” à filosofia” (REALE e ANTISERI, 2017, p. 20).

¹ Apesar do possível anacronismo da palavra “método”, explicamos seu uso aqui. Para alguns pesquisadores, a filosofia tem um rompimento na passagem da tradição mito-poética para a filosofia, pois deixasse de apresentar o mito onde os deuses se relacionam com a natureza na perspectiva mito-poética, fantástica, para o modo conceitual, racional, lógico e crítico, tendo como base a ciência racional. Aqui seguiremos àqueles que não romperam com a passagem do mito à filosofia, tomando como base Werner Jaeger (JAEGER, 2013).

A partir do escopo filosófico, que está enraizado em sua etimologia, a filosofia como desejo (*eros* / amor) de conhecer e de contemplar a verdade, e esse desejo é desinteressado (não-utilitarista), na perspectiva de auferir lucros comerciais (prática essa repudiada por Sócrates) que é visto negativamente, é uma de muitas coisas que veremos na exposição da investigação socrática.

Pois bem, tomando como introdução mais panorâmica, veremos que a filosofia pré-socrática tem como conteúdo, a partir de seus elementos investigativos, a busca do elemento primordial, *arché* (princípio), a realidade primeira, aquilo de onde as coisas vêm, e de onde ela (s) subsiste (subsistem), e etc. Isto é, os pré-socráticos buscavam – para além das propostas míticas e fantásticas da tradição oral e poética grega – explicações racionais, logicamente encadeadas e filosoficamente formuladas.

Deste modo, muitas foram as filosofias pré-socráticas. Um dos filósofos dizia que o princípio (*arché*), o elemento primordial, seria a água (Tales de Mileto). Outro apresentava o *ápeiron*, infinito indeterminado, como princípio (Anaximandro de Mileto). Outro ainda diria que o fogo e a inteligência, o *logos* (Heráclito de Éfeso) seria o elemento primordial, e ainda outro, os números (Pitágoras de Samos), etc. (CHAUÍ, 2002).

Nessa discussão em que os filósofos pré-socráticos se fiaram, nasce o problema do princípio, da *arché*, de onde as coisas surgiram. Esse problema ontológico por excelência, nos mostra uma das mais problemáticas e mais pertinentes investigações filosóficas até hoje proposta, a *arché*, e o porquê último de todas as coisas, reside fundamentalmente sobre a questão do Ser. Desse modo, entendemos que há um início de todas as coisas, e esse início é uno, mas ele se mostra de várias maneiras, como esclarece Chauí ao demonstrar tal tese

a partir dos filósofos da natureza: "(...) nada vem do nada e nada retorna ao nada." E continua:

"Não há o nada. Há a *phýsys*. Por isso os primeiros filósofos são chamados "homens da *phýsys*", *physiólogoi*, isto é, físicos. Porque nada vem do nada, porque a *arkhé* e a *phýsys* são eternas, a física grega - isto é, a cosmologia - afirma: o mundo é eterno, e declara: não há criação do mundo a partir do nada." (CHAUI, 2002, p.47).

Doutro modo, o que também lhes causavam espanto (*thaumázein*) era a instabilidade, quero dizer com isso com o sentido da aparição e o desaparecimento das coisas, como as coisas nasciam e morriam, o que geralmente chamamos em filosofia de geração e corrupção. Todos esses eventos se davam por causa das mudanças que se apresentavam nos elementos da *phýsys*, e essas mudanças os gregos a chamavam de *Kínesis*, que era a mudança, o movimento no sentido qualitativo como também quantitativo e espacial (de lugar).

Portanto, poderíamos considerar, quais seriam as preocupações que os filósofos da *phýsys* "perseguiam" no nascimento da filosofia. As preocupações seriam investigações sobre: o *kósmos*, a *phýsys* e a *kínesis*. E essas investigações se apresentam de modos interrogativos, como Chauí apresenta, são elas:

"Qual é a origem de todas as coisas? Como um único princípio pode dar origem a multiplicidade das coisas? Como aquilo que permanece sempre jovem, imortal e idêntico a si mesmo pode dar origem ao que é diferente dele, perecível e múltiplo? Como o uno dá origem ao múltiplo? Como e por que as coisas se movem? Como o imutável pode dá origem ao mutável? Como o múltiplo retorna ao uno?" (CHAUI, 2002, p. 48).

Nessa jornada investigativa, a filosofia da *phýsys* viera pouco a pouco esgotando todas as suas possibilidades, pois todos os caminhos haviam sido percorridos, e os sistemas filosóficos propostos excluía-se uns aos outros. Desse modo, abriu-se eventualmente um certa "desconfiança" para com as perspectivas cosmológicas, despertando um ceticismo dada as contradições entre si em relação à constituição do Ser e de suas origens, havendo, portanto,

um mudança no eixo da investigação filosófica da *phýsis* à investigação filosófica do Homem (*antropos*) como membro de uma sociedade, que centraliza seu interesse na ética, política, retórica, na arte..., naquilo que chamamos hoje de/da cultura do Homem, iniciando, nesse sentido, o período humanístico da filosofia antiga. É nesse cenário investigativo que se apresenta a figura dos sofistas, naquilo que se denominou na filosofia antiga de movimento sofístico, ou, a sofística.

1.2 Os Sofistas

Diz o importante comentador alemão, acerca do movimento sofístico que inicia-se no tempo de Sófocles um movimento espiritual de incalculável importância para a posteridade onde aparecem aqui, um movimento onde suas personagens receberam o nome de sofistas (JAEGER, 2013, p. 335). O termo sofista tem sua origem nas palavras *sophistés* e *sophós* como sinônimo, embora conotasse a ideia de ensino ou a prática de ensinar para transmitir um saber e a segunda, indicasse mais perícia em algum ofício ou em alguma atividade (CHAUÍ, 2002, p. 160). Dado que o termo apresentará uma diferença com o *sophos* que Pitágoras apresentou no sentido do *bios theoretikós* (vida contemplativa), os sofistas (*sophistés*) conotavam àqueles que designam a arte (*tékne*), o técnico, o sofista habilidoso e astuto.

Desse modo o sofista era um professor, um mestre de uma arte ou técnica, ofício, que exerce de maneira admirável (*deinós sophistés*).

O sofista é um erudito - possui todos os conhecimentos úteis sobre e para objeto de seu ensinamento – e é um virtuose – sabe escolher e apresentar seus temas de maneira atraente. Ensina “as artes úteis aos homens” e o faz usando uma arte especial, a retórica, que permite obter atenção e a benevolência do

interlocutor ou do ouvinte, persuadindo-o a aceitar o que lhe é dito. (CHAUÍ, 2002, p. 161).

Desse modo, os sofistas eram grupo de mestres, de professores que forneciam instrução em troca de pagamento, sendo dessa maneira os primeiros professores pagos na história da educação. Portanto, a partir dessa atitude, muitos (políticos, artesões, poetas e os que diziam serem sábios) os viam de modo negativo, pejorativo. Nesse sentido, os sofistas sofreram ataques da escola socrática, a ponto de Xenofonte escrever nas *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates* que “aqueles que a oferecem a quem quer seja, em troca de dinheiro, são conhecidos como sofistas”. (Xenofonte, 2006, p. 52)²

A crítica feita aos sofistas pairava, acima de tudo em uma arte, a arte da palavra, pois tinham como finalidade dar autonomia a palavra e ela, a palavra, se desvincula do apontamento da verdade, por isso ensinavam métodos para tornar um argumento fraco em uma argumento forte, esse era o ensinamento de um dos sofistas, a saber, Protágoras de Abdera (entre, 491 e 481 a.C., falecido por volta do fim do século V a.c.). E nesse momento, em Atenas, havia o exercício da democracia, e nela, era necessário aos seus membros falar bem, usar as técnicas da oralidade, as quais, os sofistas ensinavam. Essa arte era importantíssima para a democracia, já que, a democracia ateniense era uma democracia direta, onde os atenienses, em um tribunal, assumiriam pessoalmente a defesa de seus direitos em relação as acusações de outrem que ferisse os seus direitos ou descumprissem a lei (o que veremos no caso Sócrates). E para tal empresa, seria necessário o falar bem, discursar bem para persuadir os ouvintes. Havendo a necessidade de tal arte para atividade política,

² Tomo aqui a referência apenas para corroborar o pensamento e a crítica que o sofista sofre por aqueles que os “combatiam”. Pois a tese gravita em torno do Sócrates de Platão.

os sofistas ensinavam a arte de exercer sua cidadania por meio da retórica, a arte do cidadão, por isso recebiam pagamentos por suas instruções.

Desse modo, o poder de persuasão em uma democracia direta seria de fundamental importância, pois a disputa seria apresentada ao público que poderia elencar os argumentos, tornando-os fortes pela arte sofística, de maneira que poderiam ser imergidos nos sentimentos (*pathos*) que tal oradores poderiam suscitar por essa mesma arte naqueles que iriam votar. Assim sendo, a sofística, se dava desse modo, pois, venceria quem melhor persuadissem os ouvintes.

Se a “nova” *areté* (virtude ou excelência) é a cidadania, e se a educação visa à formação do cidadão (*Paideia*), os sofistas se apresentavam como mestres, como professores dessa *areté*.

Assim, partindo dessa nova perspectiva, Sócrates apresentava suas críticas aos sofistas, pois os sofistas argumentavam que em relação às discussões realizadas pelos pré-socráticos, seriam discussões triviais, onde as opiniões que eles apresentavam se chocavam e se excluíam, pois, para um sofista o Ser não existia, e se existisse não poderia ser cognoscível, e se pensável, o Ser seria inexprimível. Dessa maneira apresentava um não ser, pois como acima afirmado, à exclusão da tese dos pré-socráticos levaram-nos para tal afirmação. De outro lado a proposição basilar do pensamento de um outro sofista (Protágoras) é o seguinte axioma, de acordo com Reale e Antiseri:

“O homem é a medida de todas as coisas, daqueles que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são”, (REALE, e ANTISERI, Dario 2017, p.74. Grifo meu).

Dessa maneira o homem mensura apresenta uma relativização, na qual essa norma de juízo nega a existência de um critério absoluto, onde pode-se discriminar ser e não ser, verdadeiro e falso. Desse modo, para tal sofista (Protágoras) tudo é relativo, não há verdade absoluta e muito menos valores absolutos no campo ético-moral, e é dessa maneira que ele deixa claro que, o conveniente seria conhecer esse relativo, as convenções.

Dessa maneira, os sofistas questionaram esse tal absoluto, inserindo uma nova discussão, que pairava entre o *nómos* (a convenção, convenção que se torna lei, que depende de uma decisão humana) e a *phýsis* (a natureza, cuja ordem necessária independe da ação humana), optando pelo primeiro contra a segunda.

Se disser que a lei, a vida social, usos e costumes, valores e ideias eram naturais, entenderemos que a natureza concebia a vida social e política a partir dos laços de sangue e do parentesco. Conservados pela natureza, é dizer que eram necessários e absolutos, perenes. Se isso é assim, a aristocracia era superior *ao nómos*, mas, os sofistas se posicionaram contra, pois dada a historicidade e a explicação relacionada ao *antropos* e seu processo de humanização por meio dos costumes e das convenções das culturas e dos povos, defendiam a democracia afirmando que tais valores, costumes e leis não escritas, não são por natureza, absolutas, perenes, mas são *nómos*, por haver essa diversidade relativa presente em cada sociedade. Esvaziando dessa maneira, as instituições como natural e divina.

Para tal, os sofistas tomavam como base argumentativa as opiniões, e para o convencimento a persuasão. Demonstrando aos outros, que nossas opiniões eram as melhores, eles, os sofistas, tomaram como técnica a arte retórica. Essa arte, como acima mencionada, persuade o público oferecendo o

logói do argumento, a razão argumentativa e as definições de uma determinada coisa, não o que a coisa é em si mesma (ou sua natureza, *phýsis*) mas como ela nos parece e nos aparece segundo a sua utilidade.

Portanto, os sofistas tomam como abordagem filosófica sua dúvida metódica, seu ceticismo e relativismo, apresentados em suas técnicas de argumentação passadas de mestre à alunos em detrimento da pretensão da filosofia que busca conhecer a *phýsis* como realidade originária e verdade última das coisas. (Copleston, 2021, p. 97-101).

É nesse cenário que Platão toma a figura de seu mestre e apresenta Sócrates em diálogo com os sofistas, buscando apresentar seu método, (ainda que apresentando alguns métodos sofísticos) que perpassará o ceticismo e o relativismo apresentado pelos sofistas, apresentando o conceito de filósofo e este o amante da sabedoria, o amante da verdade, que busca para além das convenções, para além do relativismo, a forma correta de agir (racionalidade do *ethos*) partindo de seu método investigativo. Então, a partir de seu método investigativo, segue-se a pergunta: o que seria uma vida realizada em sua plenitude?

Seguindo a proposta acima feita, discorrerei sobre esse modo de vida em que Platão toma a figura de Sócrates exercitando sua filosofia e seu modo de viver, tendo como fundamento a verdade do ser, o ser das coisas na concretude da vida, onde a vida é exercida com fundamento filosófico em função do *logos* no *antropos* que visa o *logos* divino, como deixa claro Pierre Hadot quando diz:

“Sócrates, como eu disse, aparece como um mediador entre a norma ideal e a realidade humana.”
(HADOT, 2014, p. 92).

Portanto, a filosofia prática e a prática filosófica, torna-se um fator importantíssimo para uma vida que visa a *areté*, a excelência, para que haja uma vida justa.

Partindo desses pressupostos, tomo como base uma das obras fundamentais de seu discípulo Platão, onde ele, Platão, apresenta a defesa de Sócrates diante de seus acusadores e de seus detratores, e que nessa narrativa, deixará de modo patente os pontos fundamentais acerca de seu legado filosófico. Tomarei então, como um dos primeiros apontamentos, o problema Sócrates, para caminharmos nessa empreitada filosófica, onde, posteriormente, veremos Sócrates fazendo do processo político um processo filosófico³.

1.2 O problema Sócrates

A figura de Sócrates despertou curiosidade por parte dos seus investigadores por buscarem com exatidão qual era o seu ensinamento filosófico. As fontes disponíveis para tal escrutínio partiam de seus alunos e das investigações de filósofos que buscavam o seu *lócus* na história da filosofia, e, em um desses escrutínios, temos a obra socrática de Xenofonte (*Diitos e Feitos Memoráveis de Sócrates*), os diálogos de Platão, *As Nuvens* de Aristófanes, e algumas declarações de Aristóteles que permeiam suas obras. Mais tarde, temos algumas investigações de alguns filósofos, como as de Hegel, que afirma que o Sócrates factual e histórico é o de Xenofonte, pois o de Platão é o próprio Platão. Admitindo a tese de Hegel, Schleiermacher afirma que o Sócrates histórico de Xenofonte não é suficiente para o conhecimento do filósofo, e deve-se admitir o testemunho de Platão, pois não contradiz o Sócrates histórico de Xenofonte (CHAUI, 2002, p.182). Desse modo, Schleiermacher propõe uma pergunta como um problema, de acordo com Jaeger:

³ MARTENS, Ekkehard, *A Questão de Sócrates: Uma introdução*, 2013, p. 115.

“O que é que Sócrates pode ter sido além do que Xenofonte nos conta dele, mas sem os traços de caráter e as máximas de vida que Xenofonte proclama terminantemente como socráticos, o que ele deve ter sido para permitir e autorizar Platão a apresentá-lo como nos seus diálogos o apresenta?” (JAEGER, 2013, p. 504).

Desse modo, busca-se situar com o aparato crítico a posição de Sócrates na história.

Retornando um pouco na história em que essa pergunta foi feita, poderemos notar que muitos pensadores cristãos fazem uma comparação entre Sócrates e Jesus Cristo por haver muitas semelhanças entre eles, pois ambos compareceram aos tribunais, ambos não deixaram nada escrito, ambos criaram uma posteridades sem limites, e tudo quanto sabemos de ambos depende de fontes indiretas, escritas depois de estarem mortos. (CHAUÍ, 2002, p. 179). Para tanto, encontramos nessa perspectiva um sentido analógico entre as personagens, onde há aproximações e distanciamentos. Pierre Hadot deixa claro em sua obra⁴, que os ensinamentos de Sócrates e Jesus apresentam um modo de vida que serão tomados como exemplo prático, onde ambos praticavam o exercício espiritual, que na filosofia antiga se denominava ascese (*askesis*). Tal exercício se dava em uma atividade interior do pensamento e da vontade, que posteriormente foi aplicado por seus seguidores, com algumas ressalvas na ascese cristã⁵. E toda essa perspectiva deu-se pelo processo helenístico, que é a assimilação da cultura grega por outros povos.

Um dos aspectos importantes é a figura do *daímom* e do *Logos*, Cristo pelo Pai e o Espírito Santos e Sócrates por Apolo, tendo como intermediário o seu *dáimom* e o *logos* à filosofia, com fins ao *Logos* divino, ambos com uma

⁴ Hadot, Pierre, **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**; Tradução Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. – 1 ed. – São Paulo: É Realizações, 2014.

⁵ Ibidem, p. 69.

missão divina. Essa era a missão, exortar os Homens fazendo-os “nascer” para uma nova vida, onde as condutas até então seriam atestadas e avaliadas por um deus, na vida e para além dela. Aqui aponto uma separação importante entre o pensamento em relação ao *Logos*, e para tal, tomo como referência a citação que Pierre Hadot faz acerca de um dos primeiros autores cristãos do século II, que são chamados de apologistas, a saber, Justino, diz Hadot:

“Para eles, os filósofos gregos possuíram apenas parcelas do *Logos*, mas os cristãos estão de posse do próprio *Logos* encarnado em Jesus Cristo. Se filosofar é viver em conformidade à lei da Razão, os cristãos filosofam porque vivem em conformidade à lei do *Logos* divino”. (HADOT, 2014, p. 70).

Retornando à perspectiva socrática, vejamos algumas delas acerca de Sócrates para então tomarmos as veredas que apresentam os fundamentos da filosofia socrática que estão na Apologia, já que é nela que a vida filosófica de Sócrates é plasmada por meio das palavras de seu discípulo, a saber, Platão. Vejamos.

Em Xenofonte⁶, tinham-se em consideração sua *praxe*, que é o modo como Sócrates exercitava sua vida no dia a dia, e de que modo buscava aplicar suas ações mediante uma vida justa (que era o tema por excelência), uma *praxe* da vida mediada por virtudes éticas, onde tal virtude era identificada ao saber (pois o vício seria ignorância), e com a utilidade do bem (como justiça) e a temperança, o domínio de si, a veneração aos deuses e os aconselhamentos para um despontar de uma vida virtuosa.

Já o Sócrates de Aristófanes⁷ (autor de comédias), do século de Péricles (V a.c.), é visto como embusteiro, e ridicularizado como sofista. Aristófanes o apresenta suspenso em um cesto, entre as nuvens, dá consultas acerca de um

⁶ *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*, 2006.

⁷ *As Nuvens*, 2018.

argumento a Estrepsíades, onde ele, Estrepsíades, quer saber qual o argumento mais injusto, para que ele possa usá-lo contra os credores. Sócrates lhe fala com uma linguagem incompreensível, zombando dos deuses, propõe o início de Estrepsíades nos mistérios da cosmologia. Estrepsíades se enfurece e vai embora, mas seu filho fica e torna-se discípulo de Sócrates. Estrepsíades dá uma surra em seu filho e retorna à procura de Sócrates, incendiando o cesto onde Sócrates se encontrava. Evidentemente, não podemos tomar Aristófanes como testemunha da filosofia socrática. Mas ele revela algo de precioso: como alguns dos atenienses viam Sócrates e como, rindo da comédia, deixavam escapar a irritação que lhes causava (CHAUÍ, 2002, p.183).

Em Platão, Sócrates era visto como fundador da filosofia especulativa, onde, diante dos seus adversários, fundamenta sua filosofia em diversos campos (se podemos colocar assim), e que Platão apresenta suas perspectivas em seus diálogos, que mais tarde irão ser classificados pelos historiadores da filosofia como:

- a. diálogos apologéticos (*Apologia e Críton*).
- b. diálogos aporéticos – *Laques* (o que é a coragem?), *Lisis* (o que é a amizade?), *Cármides* (o que é a sabedoria?), *Hípias Maior* (o que é a beleza?), *Primeiro Alcibíades* (o que é a conduta política), *Eutifron* (o que é a piedade)
- c. diálogos intermediários – diálogos nos quais as questões ainda são as que interessavam Sócrates e os Sofistas, mas, agora, já começa a aparecer o pensamento platônico propriamente dito (*Protágoras, Mênon, Górgias*, primeiro livro da *República*).
- d. diálogos clássicos ou da maturidade, que abordam os temas que constituem o núcleo da filosofia platônica: *Banquete, Fédon, Fedro, Crátilo, Teeteto, República*; Sócrates, agora, representa um estilo de vida, mas as ideias já são inteiramente de Platão;

e. diálogos da velhice, nos quais Sócrates é um simples nome, uma personagem apenas: *Parmênides*, *Sofista*, *Político*, *Timeu*, *Crítias* e *Filebo*, no último diálogo, *As Leis*, nem sequer o nome e a personagem de Sócrates aparecem. (Chauí, 2002, p.185).

O Sócrates de Aristóteles é visto como criador da ciência (**episteme**) indutiva, criador do método investigativo científico, isto é, dos procedimentos teóricos para chegar à definição universal e necessária da coisa.

Aristóteles, volta-se de modo exclusivo para a ética (a virtude, o bem, a justiça). Tendo o Sócrates lógico (que com seu método indutivo, que parte da definição das coisas), que subordina a lógica à moral, colocando o método indutivo ao serviço da ética. Logo, Sócrates surge como o primeiro filósofo racionalista (a moral depende da razão e a virtude se identifica com o conhecimento racional, ou à retidão do juízo) e como criador de uma dialética positiva, que prova a verdade de uma definição, oferecendo a essência verdadeira da coisa definida (contrária a dialética negativa de Zenão, que por ser negativa, demonstra o absurdo da tese que contraria a tese dos filósofos eleatas).

Em particular perspectiva, Sócrates apresenta-se como uma figura estranha, pois muitos o consideravam excêntricos, deslocado e sem lugar em vista à cultura de uma sociedade que apreciava sua tradicional *areté* (onde se apreciava a beleza física), pois Sócrates era desprovido de beleza (não há nele belas formas), caminhava com os amigos e se detinha em reflexão enquanto seus companheiros continuavam a jornada, dando conta por alguns instantes de sua falta, não tinha o dom da oratória, mas paralisava e encantava quem o ouvia. Só mais tarde, apreciariam a oposição que havia nele (Sócrates) ao verificar que

entre o ser e o parecer, nessa apresentação viva, em sua encarnação, a base ou o fundamento de suas reflexões.

A partir dessas considerações, podemos discorrer sobre a filosofia socrática, e seus pontos fundamentais, demonstrando os porquês de seu julgamento e condenação.

1.3 **Filosofia socrática**

Indo à uma consulta ao oráculo de Delfos, Querofonte, amigo de Sócrates, pergunta à pitonisa (sacerdotisa porta voz do deus Apolo) se há alguém mais sábio do que Sócrates, e ela lhe responde dizendo: “Que ninguém era mais sábio⁸”. Atônito com a mensagem, Sócrates buscará entre os homens que se julgavam ser sábios (políticos e poetas os quais exerciam funções de educadores e guias na *pólis*), tal sabedoria, investigando-os se de fato eles seriam sábios em suas artes (ou para além delas). Desse modo, Sócrates ao investigar por meio de conversações (diálogo/dialética) descobre que eles eram nulos na sabedoria que diziam ter e que professavam aos demais. Assim sendo, Sócrates percebe que os que diziam ser sábios de fato não eram, e isso o leva à compreensão da sentença que lhe foi dirigida pelo *daímon*, e que novamente lhe diz: “Agora já sabes porque és o mais sábio entre os homens⁹”. Desse modo, Sócrates compreende que, nenhum sabe verdadeiramente nada, pois, o mais sábio é aquele que considera e reconhece tal ignorância. Mas, não uma simples ignorância ou aparente saber, pois o início para a sabedoria, consiste no que está implícito na frase “sei que nada sei” e no que ela consiste. O fato de afirmar que não detém toda a sabedoria (ao contrário dos que diziam serem sábios, porém afirmava sua ignorância quando inquirido do seu saber), o sábio é aquele

⁸ Apologia de Sócrates 21-a.

⁹ Apologia de Sócrates 23-b.

que investiga, busca pela sabedoria, aquilo que só o deus detém, pois, o filósofo é o amante da sapiência, assim é Sócrates.

Pois bem, a partir do giro antropocêntrico realizado com o pensamento sofista, Sócrates busca por meio de suas investigações apartar-se da sofística, que dizia que o homem é a medida de todas as coisas (princípio do *homo mensura*), e quando Sócrates pergunta “o que é”, ele busca não o aparente, o efêmero, mas busca uma definição verdadeira daquilo que se procura, a verdade última, o *ontos* da coisa, sua realidade essencial (*Fédon*, 2015, p.218). Desse modo, se apartando do pensamento sofístico que negava um critério absoluto que discriminava ser e não ser, de verdadeiro e falso, e que apenas o homem possuía tal critério, de modo que, os homens diriam, ou mensurariam de maneira diferente, e que tal mensura desaguaria em um relativismo profundo, Sócrates apresentará um critério que aponta para a verdade das coisas. Eis um dos aspectos a ser posto em análise por Sócrates, por meio de sua maior e mais importante pergunta: o que é?

Sócrates busca pela essência da coisa, aquilo que a coisa é e que sem a tal coisa ela deixa de ser¹⁰. Ora, a partir da busca pela essência das coisas, Sócrates define a essência do homem, dizendo que o homem é sua alma (*psyché*), e essa imortal, pois, no diálogo de Platão chamado *Fédon*, tal diálogo se concentra na morte iminente que foi imputada à Sócrates, e que convergirá para a imortalidade da alma, mas, o que seria a alma? Já que ela é a essência do homem.

Sócrates entende alma como sede da razão e da atividade pensadora e operadora do Homem, consciência e a personalidade (permita-me usar esse termo) intelectual e moral. O raciocínio tomado por Sócrates para a

¹⁰ Aqui, tomo como abordagem o Ser das coisas, dada ser uma questão metafísica, corroborará com o tema da alma e a questão da morte em relação à condenação final de Sócrates. (*Apologia* 40a – 42a)

fundamentação de sua investigação, e prova da tese do princípio de vida, onde a alma é imortal e divina, preexistente, de modo que não admite o seu oposto, encontra-se no diálogo *Fédon* (*Fédon* 2015, p. 189 – 278). Fundamentando ainda tal explicação, Giovanni Reale diz:

“Um dos raciocínios feitos por Sócrates para provar essa tese é o seguinte. Uma coisa é o “instrumento” do qual se serve e outra é o “sujeito” que se serve do instrumento. Ora, o homem se serve do próprio corpo como de um instrumento, e isso significa que são coisas diferentes, o sujeito que é o homem e o instrumento que é o corpo. Portanto, à pergunta: “O que é o homem”, não se poderá responder que é o seu corpo, e sim que é “aquilo que se serve do corpo”. (Giovanni, 2017, p. 85-86).

Tomando ainda a definição de que o Homem é sua alma, cito aqui a definição declarada no diálogo *Fedro* de Platão onde Sócrates em diálogo com Lísias diz que a alma é imortal¹¹, pois a alma move-se a si mesmo, deixando claro portanto que: a alma é um princípio autônomo e essa é sua essência, dado que não há geração¹².

Dando seguimento à filosofia socrática, nos voltaremos para a assertiva escrita no oráculo de delfos que diz: “conhece-te a ti mesmo”, onde Sócrates irá sistematizar suas investigações, tendo-a como uma missão divina, buscará exercer sua “vocação”, tendo o conhecimento como algo não estanque (um estado de sabedoria), mas tendo como um processo, uma busca, uma procura pela verdade, e que tal busca o motiva para tal prática investigativa, que aplicando seus métodos, conduzirá os homens para o despertar ou surgimento dele, como uma conversão (*metanoia*), ao despertar de suas consciências (*psyché*).

2. O método socrático

¹¹ Fedro ou Da Beleza, 246 A.

¹² Fedro ou Da Beleza, 246 A.

A filosofia socrática desenvolve-se, tendo como início o emprego do método, método esse que investiga sob a forma de diálogo, e esse constando de duas partes. A primeira parte, chamada protréptico (exortação), convida o interlocutor a filosofar, a buscar a verdade, e na segunda indaga (*elenkhós*). Nesse diálogo, entre perguntas e repostas, retornando a perguntar, “caminhando de mãos dadas” no diálogo, busca-se, junto ao interlocutor, a definição da coisa procurada¹³.

Já no *elenkhós* (confutação), Sócrates dividi-o em duas partes, e são essas que chamamos, comumente, de método socrático.

Na primeira parte, realiza-se a pergunta. Sócrates comenta as respostas dadas, demonstrando que são preconceitos das coisas que são percebidas sensorialmente, ou apenas opiniões (*doxa*) e não a definição que se busca. Dessa maneira, a dialética socrática fazia com que as pessoas extraíssem suas ideias sobre determinado assunto quando o interlocutor dizia saber o significado ou o conceito de alguma palavra. Dada as respostas, Sócrates o confrontava, demonstrando a inadequação por ela definida.

Sócrates retornava à pergunta, deixando seu interlocutor falar na maior parte do diálogo, mas mantinha o diálogo sob seu controle, no recuo do interlocutor, conversavam até que se buscasse uma nova definição. Continuando o processo, poderia se chegar ao fim ou não de uma conclusão. Ao ser confrontado por meio das indagações, e reconhecendo sua ignorância, o interlocutor dava conta de sua própria vida (pois essa era a finalidade) ao voltar-se à sua consciência, e ao realizar tal ação examinava a sua alma. Sócrates, então, se servia da máscara do não saber (sei que nada sei) e da sua ironia para exortar o interlocutor e apontar para o tal que achava saber, o caminho para a

¹³ Reale, Giovanni. *Filosofia: Antiguidade e Idade Média*, 2017, p. 92-94.

ciência e para a purificação (kátharsis) de suas opiniões travestidas de saber (que veremos à frente).

2.1 A ironia socrática

Como acima ficou demonstrado (de forma parcial) uma das partes do *élenkhos*, temos o método da ironia que é dissimulação e a refutação dos argumentos do interlocutor com a finalidade de demonstrar a fragilidade do que por ele foi definido. Ora, a maior característica da ironia da dialética socrática é sua dissimulação, Sócrates mascara a si mesmo de ignorância (há uma certa validade verídica) e usa de artifícios que levam seu interlocutor a prestar contas de si mesmo. Nesse método, Sócrates se utiliza de máscaras (*prosopon*) e se mostra ser amigo apaixonado pelo interlocutor, admirador de suas capacidades e méritos, pedindo-lhe conselho ou instrução, e assim por diante. Esse é um dos aspectos importantes da ironia socrática, pois é um dos artifícios usados na interlocução, pois apela para uma perspectiva psicológica, e, para fundamentar esse artifício onde a ironia toma para si esse *prosopon*, tomo como citação as palavras de Pierre Hadot, que diz:

“[...] podemos deduzir deles que a ironia é uma atitude psicológica na qual o indivíduo busca parecer inferior ao que ele é: ele se autodeprecia. No uso da arte do discurso, essa disposição se manifesta por uma tendência a fingir dar razão ao interlocutor, a fingir adotar o ponto de vista do adversário. A figura retórica da *eironeia* consistirá então em empregar palavras ou desenvolver discursos que o ouvinte esperaria antes encontrar na boca do adversário.” (HADOT, 2014, p. 99).

Deste modo, fica claro a menção feita por Pierre Hadot quando toma a figura de Alcibíades que diz: “Ele passa seu tempo a se fazer de ingênuo e infantil com as pessoas.” (HADOT, 2014, p. 94). Eis aqui uma de suas simulações. Mas, ao mesmo tempo, preocupa-se para que a dissimulação seja transparente para

quem observa em profundidade, e nesse sentido, Pierre Hadot, deixa patente o intuito da ironia socrática quando diz:

“Eterno questionador, Sócrates levava seus interlocutores, por hábeis interrogações, a reconhecer a ignorância deles. Ele os enchia assim de uma perturbação que os levava eventualmente a colocar em questão toda sua vida” (HADOT, 2014, p.95).

Em síntese: a brincadeira é sempre em função de um objetivo sério e, portanto, metódica. Se utilizando desse método (a ironia no *elenkhós*), Sócrates se utilizará de uma arte médica, ao fazer perguntas ao seu interlocutor, ele passa a se lembrar o porquê de seu estado doentio (ignorância). Passando à lembrança dos motivos que o levaram ao seu estado atual, o doente na companhia do médico (Sócrates), lembra-se do momento que perdeu a saúde e se convence a aceitar os remédios e dietas que lhe serão receitados pelo médico. Ora, por meio dessas lembranças (*anamnese*) Sócrates (o médico), junto ao doente, utilizará desse método terapêutico na condução de seu interlocutor (o doente) à saúde da alma, retirando-lhe os vícios e levando-o à virtude. Dado o diagnóstico apresentado no diálogo, entre a aparência do saber (*doxa*) em relação à vida, Sócrates seguirá ao prognóstico do seu interlocutor para uma vida feliz. Esse aspecto da medicina grega no método socrático, que na dialética se empregava, visava a saúde da alma, e como a alma poderia ser saudável? A alma se tornaria saudável se ela se engendrasse na verdade, e para tal realização, a dialética socrática apresenta uma segunda parte, a maiêutica.

2.2 A maiêutica

Para sabermos o que a alma teria para conduzir a vida em seu valor, ou melhor, conduzir-se virtuosamente, do que ela necessitaria?

Seria necessário à alma possuir ideias verdadeiras em si, para a partir daí concretizar suas ações. Acima foi demonstrado a anamnese como um meio para a purificação do doente (da alma do interlocutor), onde o médico (Sócrates) por meio dela busca livrar os doentes dos vícios que o encerraram. Dada à catarse dialética, para “Sócrates, a alma só poderá chegar a verdade somente se dela estiver grávida”. (Realle e Dario, 2017, p. 95). Nessa perspectiva, Sócrates por meio desse método, demonstra sua intenção de conduzir seu interlocutor por meio de definições, em definições, para as definições, para os conceitos verdadeiros, as ideias verdadeiras em sua alma, em sua *psyché*, e essas ideias verdadeiras voltam-se para o reto viver, para o agir correto da vida prática. Pois esse seria o fundamento do reto agir, quando se sabe a verdadeira definição, as definições que são verdadeiras e que apontam para o bem e o belo.

Dessa maneira, o discípulo, o interlocutor, que tivesse a alma grávida da verdade, necessitaria de uma intervenção obstétrica, e Sócrates, seria o obstetra espiritual que ajudaria essa verdade vir à luz. Ajudando o seu interlocutor a ter um conhecimento claro da verdade que é essencial para o direcionamento da vida na sua praxe, e isso partindo de uma ideia clara do diálogo que definia os conceitos de particular(subjetivo, opinião) ao universal (necessário, verdadeiro), e dessa ideia verdadeira, sendo o homem sua alma, ou seja, sua razão, então, a virtude resulta de uma *episteme* (conhecimento), e tal *episteme* aperfeiçoa a alma, tornando a alma virtuosa em suas realizações práticas, pois está fundamentada em uma ideia verdadeira, como se nota no diálogo *Teeteto*:

“A minha arte obstétrica tem atribuições iguais as das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de

conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. Neste particular sou igualzinho as parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber. Por isso mesmo, não sou sábio, não havendo um só pensamento que eu possa apresentar como tendo sido invenção de minha alma e por ela dado à luz. Porém os que tratam comigo, suposto que alguns, no começo pareçam de todo ignorantes, com a continuação de nossa convivência, quanto a divindade favorece progridem admiravelmente, tanto no seu próprio julgamento como no de estranhos. O que é fora de dúvida é que não aprenderam nada comigo; neles mesmos é que descobrem as coisas belas que põem no mundo, servindo, nisso tudo, eu e a divindade como parteira.” (Platão, *Teeteto*, 150 B-C).

Por meio do quadro plasmado que se apresenta na *Apologia de Sócrates*, apresentaremos de modo histórico-filosófico e conceitual, a narrativa que lá se apresenta de um homem que ao investigar sua própria vida, encontra nela, as respostas para viver bem, onde, o aspecto que o leva à tal tarefa investigativa, parte do oráculo, que culminará em sua *praxe*, a *praxe* socrática. Desse modo, buscaremos por meio dessa perspectiva, “reviver” uma atividade esquecida por muitos, de modo que, deixando-a de lado, dela, já não se lança mão para o bem viver. Portanto, para o bem viver, ou viver virtuosamente, necessita-se da razão para refletir sobre as nossas ações, sobre as nossas decisões, no campo concreto das nossas vivências, que dia após dia se apresentam. Vejamos como a *práxis* socrática se apresenta em seu contexto, e que levará Sócrates ao tribunal.

Sócrates não se considerava sábio, mas filósofo, aquele que é impulsionado pelo *eros* filosófico, pois ele é aquele que ama, que é amigo e que desejava (amante, desejo – *eros*) à sabedoria. Aqui abro uma seção para discorrer sobre o *eros*, e para tal, irei retomar um dos mais belos diálogos em que Platão, por meio de Sócrates, irá enaltecer o amor por meio de uma narrativa, e é nesse diálogo, chamado *O Banquete*, que se apresenta a perspectiva do *eros* (amor)

filosófico. Desse modo, apresento aqui um breve relato do diálogo citado. Apolodoro apresenta uma narrativa da celebração que se passa na casa de Agatão (poeta trágico), é nela que se dá o *symposion*¹⁴, e nele, os discursos que louvam o *eros*. Depois de Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e Agatão discursarem, dando ao *eros* as características que lhe são próprias por meio de louvores, Sócrates apresenta-se para a conversa (depois de estar imergido em sua reflexão) dizendo que não iria discursar como os retóricos¹⁵ mas conforme o seu costume. Sócrates antes de começar sua fala a respeito de *eros*, indaga Agatão sobre o discurso proferido, a ponto de refutar Agatão sobre o que ele dissera, e ele admite que não entendia nada sobre aquilo que ele discursou¹⁶. Ao iniciar sua fala, Sócrates narra uma conversa que teve com uma mulher de Mantinea¹⁷, Diotima, e que ela era sábia na arte erótica. Diotima dirá que *eros* é um gênio, um *daimon*, uma entidade intermediária, isso é, que não é mortal e nem um deus, já que carece de algo e que, sendo um grande *daimon*, está entre o divino e o mortal¹⁸. Mas cabe aqui perguntar, como isso poderia se fundamentar? Como assim um deus intermediário? Diotima passa então a explicar a Sócrates o surgimento de *Eros*. Pois bem. Por ocasião do nascimento de Afrodite, os deuses realizaram uma festa, e nela, estava Poros¹⁹ filho de Métis²⁰, que depois de ter banquetado, procura descansar. Então surge Penia²¹, que ao perceber que Poros estava embriagado de néctar, e penetrado o jardim de Zeus, adormece. Penia por ser destituída de recursos (pobreza), tramou em ter um filho com Poros (recurso).

¹⁴ *Sympínen*, beber juntos(banquete).

¹⁵ Banquete, 199 A-B.

¹⁶ Banquete, 200 C-E, 201 A-D.

¹⁷ Cidade da Arcádia.

¹⁸ Banquete, 202 E.

¹⁹ Ser mitológico. Personificação divina do recurso, meio, astuto.

²⁰ Ser mitológico que é a personificação divina da prudência.

²¹ Ser mitológico que é a personificação da penúria, pobreza, da falta.

Deitando-se com ele, Penia concebe *Eros*. E por ele ter sido concebido no dia do nascimento de Afrodite, passa a ser seu atendente e seu servidor, e por ter esse serviço passa a ser um amante da beleza, pois Afrodite é particularmente bela. Eros por ser filho de Penia e Poros, coube-lhe então a sorte de ser semelhante aos dois. De sua mãe, Penia, tem necessidade, anda descalço, deita-se em qualquer lugar, não tem beleza e nem delicadeza, vivendo sempre na penúria, em privações. De outro modo, assemelha-se ao seu pai, Poros, planejador, visa ao belo e o bom, corajoso, admirável caçador, estrategista, desejoso e amante da sabedoria, passa a vida buscando entendimento. Não sendo por nascimento nem mortal e nem imortal, vive entre as duas naturezas, ficando a meio caminho entre a sabedoria e a ignorância.

Desse modo, Diotima caracteriza Eros e dá razões de seus fundamentos, o que leva Sócrates a perguntar: “Nesse caso Diotima, perguntei, quem são afinal os amantes da sabedoria, se eles não são nem os sábios nem os ignorantes?”²² Diotima então lhe dá a resposta:

“[...] São os que estão entre esses dois extremos, e um deles seria o Amor. Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é o amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo está entre o sábio e o ignorante, e a causa de sua condição é sua origem: pois é filho de um pai rico e sábio e de uma mãe que não é sábia e pobre. É essa então, ó Sócrates, a natureza desse gênio [...]” (Platão, *O Banquete*, 204 B).

Apresentada a seção sobre o Eros, como uma entidade intermediária, continuarei com a narrativa que apresenta Sócrates exercendo o *eros* filosófico para seu bom/bem viver e o despertar de seus concidadãos para uma vida virtuosa, e essa virtude (*areté*), como âncora da alma.

²² Banquete, 204 A.

Pois bem, Sócrates recebera uma missão do deus, de modo que estabelece uma relação da alma (pois o homem é sua alma, *psyché*) com o divino, de maneira prática e ética e que, mais tarde, apresentará uma teoria sobre o divino e sobre as relações íntimas da alma imortal com a divindade(teologia).

Ora, "de modo que deus é perfeitamente sábio, bom e justo e comanda ao homem considerar a alma o primeiro e mais importante objeto de cuidado, de modo que o intelecto ou a razão tem perfeitamente o poder para comandar as ações virtuosas e evitar o vício, atribuindo este último à ignorância (psicologia moral). (CHAUÍ, 2002, p.186).

De modo que a alma do filósofo busca as ideias divinas, e essas ideias são as ciências puras, Sócrates obedece ao deus quando por meio da razão, de sua alma, busca as ideias divina, o conhecimento do que realmente é o que é (essência), aquilo que faz parte da natureza divina, como a beleza, sabedoria, bem (bondade)²³.

Para tal, Sócrates é impulsionado por esse *eros*, por esse amor filosófico que busca à sabedoria, e tal sabedoria é a ciência daquilo que é, das realidades eternas. Portanto, essa entidade intermediária faz a ponte entre a alma do mortal Sócrates e a sabedoria do deus, do imortal.

Dessa maneira, quando Sócrates interpola seus concidadãos com seus diálogos, com suas indagações, e que por meio de suas interrogações, busca junto ao seu interlocutor a definição das coisas, aquilo que realmente a coisa é, tais como a busca do conceito das virtudes, que são: piedade, bem, belo, verdade, coragem, temperança, etc. Desse modo, Sócrates torna-se um

²³ Fedro, 246 C – D.

mediador entre o Homem e o deus, como *eros* que é filósofo, um *dáimon*, uma entidade intermediária (como acima foi citado na narração do diálogo entre Sócrates e Diotima), tonando-se “amante da sabedoria da norma ideal e transcendente”. (HADOT, 2014, p. 92).

Sócrates era um *atopotatos*, apresentava de certo modo uma má impressão em seus concidadãos por conta de ser um grego paradoxal, e qual é o sentido desse paradoxo? Sócrates não tinha formosura física (demonstrado nas artes figurativas), Sócrates não se enquadrava na categoria que os gregos denominavam *Kalokagathía* (belo e bom), por sua fisionomia não agradável e físico destituído dos exercícios que o adornava. Sócrates foi comparado então a imagem do sábio sileno (Martens, 2013, p. 31-52), mas Sócrates busca dar beleza àquilo que é repulsivo e buscava por meio da razão demonstrar, na medida da sua utilidade, a beleza existente, exemplo: sua gorda barriga, “poderia ser bela, na medida em que, através do movimento de dança ,exemplifica, “tudo é levado ao equilíbrio” (Banquete II 17)”. (MARTENS, E. 2013, p. 44).

Nesse sentido, Sócrates busca na beleza aparente, na beleza dos corpos, apontar para a beleza ideal, para o belo em si, pois os corpos, da maneira que se apresentam, apresentam em um certo grau de beleza, aponta para uma beleza que está nos corpos e para além deles, esse é o Belo em si, e é esse o Belo que a filosofia aponta, o belo para além das aparências, que unifica toda multiplicidade de beleza nas coisas. Na narrativa que Platão faz em seu diálogo (*O Banquete*), Diotima dirá que Eros é amor por coisas belas²⁴. Desse modo, Sócrates apresenta-se como aquele que busca a beleza do bom viver, da boa vida, da vida ideal ou do ideal de vida, e tal vida embasada em um escrutínio que tinha como plataforma a investigação do discurso filosófico, e esse discurso também é um modo de beleza que visa o conhecimento verdadeiro,

²⁴ Banquete, 204 D.

conhecimento que busca a verdade, e é essa busca pela verdade que se aparta da mera opinião, das meras aparências do saber. Assim sendo, Sócrates é aquele que nos diálogos platônicos, encarna a busca pela verdade, e essa busca é impulsionada pelo o eros filosófico, que também o torna eros (acima é citado que eros é filósofo) e que aspira a vida bela e boa, a vida virtuosa. E essa vida boa e bela, adquire-se por meio da razão investigativa, tendo como meio, a filosofia que perpassa as opiniões, as aparências discursivas que se apresentam nas interlocuções e em modos de vida não questionadas.

Retornando as tensões acima citadas, elas se apresentam entre as forças de movimento e linhas desordenadas e inarmônicas, reflete a tensão entre o dionisíaco e o apolíneo. Esses dois polos de tensão de Sócrates são acentuados no diálogo banquete de Platão. Ali, Alcibíades compara Sócrates ao sileno ou sátiro Mársias, uma figura semelhante ao sábio sileno:

“Pois eu afirmo que ele é muitíssimo semelhante àqueles silenos que ficam nas oficinas dos estatuários e os artistas representam com pífanos ou flautas, nos quais, porém, caso se os parta pela metade, vê-se estatuetas de deuses. E assim afirmo que ele se assemelha sobretudo ao sátiro Mársias. Portanto, que tu és semelhante a eles no aspecto, ó Sócrates, isso por certo não irás contestar, mas como tu se assemelha a eles também quanto ao resto, escuta agora o seguinte, [...] Aquele [Mársias], com efeito, encanta os homens com o instrumento, através de sua boca, [...] tu, porém, te distingues tanto mais diante dele, na medida que, sem instrumento, através de meras palavras, realiza o mesmo” (Martens, Ekkehard, 2013, p. 46 - 47).

Desse modo, fica claro o que Alcibíades consegue perceber que há uma beleza em Sócrates para além das aparências, e tal percepção e desejo, o levou a elogiar Sócrates, enquanto os demais elogiaram Eros. E é nessa perspectiva que Sócrates torna-se Eros, pois se assemelha às mesmas características de Eros apresentada na instrução²⁵ que fez Diotima em relação à natureza do gênio

²⁵ Banquete, 203 C – D.

que, como sua mãe é aquele que carece, mas como seu pai tem artifícios, como sua mãe necessitava algo, mas como seu pai urdia estratégias, como sua mãe não tinha beleza, mas como seu pai visava o que era bom e belo, como também, é desejoso e amante da sabedoria. Essa é a natureza de Sócrates, percebida por Alcibíades e por ele elogiada.

Assim sendo, toda essa tenção acima mencionada, fica clara quando o Martens narra a peça satírica de Sófloces, quando Mársias pega do chão uma flauta que Atenas jogara fora, cai em uma maldição (tal maldição recairia em quem a pegasse e tocasse). As pessoas passam a elogiá-lo, dizendo que nem Apolo com sua lira tocaria com tanta beleza. Apolo desafia Mársias a uma competição, tendo as musas como árbitras. Para chegar a uma decisão, Apolo propõe que ambos tocassem o instrumento em posição invertida, o que era impossível para Mársias, mas para Apolo não. Como vencedor, Apolo penaliza Mársias esfolando-o, de modo cruel e vingativo.

Desse modo, toma-se a aplicabilidade em relação à Sócrates, quando leva os homens por meio dos diálogos (o “encanto” com as palavras) a se julgarem e entenderem de que modo estão vivendo. E que a beleza não consiste apenas na aparência dos corpos, do viver aparente. Pois, a beleza de Sócrates aponta para a beleza em sua essência, que é uma beleza ideal, a verdadeira beleza e não a aparente. E, essa beleza da verdade, se dá na investigação filosófica que também é uma forma bela que visa o conhecimento, o conhecimento da boa vida. O “encanto” que provém de Sócrates é descrito por Alcibíades, por experiência própria, no *Banquete* de Platão (cf.215e s.; cf. Platão, Alcibíades I): “Por esse Mársias já muitas vezes comovido a tal ponto que acreditei que não valeria a pena viver se permanecesse naquele estado”. (Martens, 2013, p. 49). Aqui vê-se o que os diálogos de Sócrates produziam nos seus ouvintes, os seus métodos aplicados na conversa, levava o homem do seu

conhecimento aparente à verdade, pois a prática do diálogo que Sócrates empregava nos remonta à prática e o modo de vida que, Sócrates, confia à razão, o poder de inspecionar nossas representações da realidade em relação ao bem-viver, e esse bem-viver é o viver a vida de modo virtuoso (*areté*). Ora, o que veremos adiante, não será o castigo que o deus Apolo infligiu à Mársias, mas o que será imputado ao homem que servia ao deus, a saber: Sócrates. Sócrates ao servir ao deus, buscava despertar os seus concidadãos à consciência de uma vida pautada no exame racional, de uma vida voltada à verdade, verdade essa estabelecida por essa investigação da razão, para que seus concidadãos tivessem uma vida virtuosa. E esse despertamento era a “pena” que Sócrates lhes imputava (uma vida examinada) que o levou ao tribunal por apresentar uma revolução, uma mudança nos paradigmas do viver, mas atentando sempre como cidadão ateniense às leis de Atenas.

Portanto, apresentarei aqui, uma narrativa apontando alguns pontos principais da Apologia de Sócrates em Platão (dada a dimensão da narrativa), que são relatos do processo, que também Xenofonte escrevera, e que, em tal relato (de Platão) fica patente os motivos que o levaram à pena capital de Sócrates, o filósofo.

3. Apologia de Sócrates (399 a.C.)

Não havendo nenhum escrito deixado por Sócrates, apenas sua oralidade, Platão apresenta o quadro onde os acusadores de Sócrates o levam à litígio diante dos seus concidadãos.

Sócrates, com a idade de 70 anos, comparece ao tribunal de Atenas, pois Meleto movera uma ação contra Sócrates, e por isso, Sócrates se defenderá das

seguintes acusações: De impiedade (por não crer nos deuses da cidade) e de corromper os jovens.

Em sua defesa, Sócrates começa a dizer que foi levantado contra ele calúnias, mentiras, e tais calúnias partiam de um grupo de pessoas e uma delas era o comediógrafo que dizia que: “ Se gabava de andar pelo ar e enunciar sem-número de tolices, de que eu não entendo nem muito e nem pouco”²⁶, pois tal acusação tinha como base a mentira, e essa mentira que levantaram contra Sócrates seria de que ele se ocupava com extremo zelo das investigações relacionadas as coisas da terra e dos céus, e que fortalecia o argumento mais fraco tornando-o mais forte e que ensinava essas mesmas coisas aos outros.

Sócrates parte para o outro grupo de acusadores, onde começa narrando que Querefonte vai ao Oráculo de Delfos, e indagando o oráculo, perguntou se havia alguém mais sábio que Sócrates. A pítia respondendo diz que não há. Ora, Sócrates busca saber o significado de tal resposta, onde o deus diz que Sócrates é sábio, de tal modo que o deus não pode mentir. E para entender o significado e a comprovação de tal proposição asseverativa, Sócrates então passará a investigar (*sképsis*) o porquê de sua sabedoria.

Sócrates passa então a investigar os grupos que tinham a reputação de serem sábios.

Indo aos políticos, Sócrates percebe que eles se reputam sábios, mas não o eram. Pois os políticos tinham como técnica a oratória, o falar bem aos seus concidadãos (tinham ensinamentos dos sofistas), um instrumento imprescindível, mas como Sócrates busca pelo “o que é” a coisa (a essência), busca a definição, e pode, a partir de sua dialética, deduzir que não haviam neles sabedoria. Por lhes mostrar que não havia neles a sabedoria que eles tanto

²⁶ Apologia, 19 C.

demonstravam ter, e por terem poderes políticos (dos quais não queriam abrir mão), passaram a não gostar de Sócrates.

Indo ao segundo grupo, os poetas (trágicos, ditirambos e outros), buscou atestar se de fato eram mais sábios do que ele (Sócrates). Ao indagar sobre suas poesias (que eram métodos pedagógicos), constatou novamente que, ao buscar o significado (o que é) de seus poemas e das elaborações para os fazer, desejando deles aprender algo, Sócrates se sentiu envergonhado, porém teve que dizer a verdade que neles (poetas) não havia sabedoria, pois, até os que escutavam entendiam melhor os poemas do que os próprios poetas, pois a elaboração dos poemas provinha de certos dons naturais e da força das inspirações, como nos profetas e nos oráculos. Mesmo dizendo coisas admiráveis, lhes faltavam o entendimento, o conhecimento. Do mesmo modo, Sócrates percebeu ser mais sábios do que eles.

Chegando por fim aos artesãos, Sócrates consciente de nada saber, encontrou nos artesãos sabedoria que não detinha. Os artesãos por tal saber e por praticar bem sua arte (como os poetas) se julgavam ser mais sábios que os demais, mas quando Sócrates busca neles conhecimento de grande importância, notou que sua arrogância escondia seu saber (a arte, *techné*), e ao constatar tal sentimento (*patos*), Sócrates perguntou a si mesmo em nome do oráculo se queria ser como eles, sábio em sua sabedoria (arte) e tolos em sua ignorância, o que Sócrates responde para si mesmo e ao oráculo que vale mais ser como ele é.

Prosseguimos então para a acusação de Meleto (pelos poetas), Anito (pelos artesãos e políticos) e Lícon (pelos oradores), que afirmavam que: "Sócrates é réu porque corrompe os moços e por não acreditar nos deuses que

a cidade admite”²⁷.

Sócrates começa a indagar a Meleto a importância de que os jovens fossem os melhores possíveis. Ora, os jovens tinham sua formação como cidadãos por meio de suas tradições, quer sejam ensinados pelos mitos, por poesias, quer sejam pela ordem da natureza. Também havia os ouvintes cativos que os sofistas encontravam para o ensino de sua arte (*techné*) nas matérias discursivas, erísticas e políticas. Dentre eles, Antífon (ou Antifonte, sofista erístico) declara que a natureza é a verdade e as leis são antinaturais, declarando que todos os homens são iguais, “ e que se deve seguir a lei da natureza e, quando se pode fazê-lo impunemente, transgredir a dos homens” (Realle e Antiseri, 2017, p.79). Demonstrando dessa maneira que há um contraste entre a lei da natureza e a lei humana, e que segundo o argumento de Antifonte, “as leis da natureza não podem ser evitadas e que as leis da sociedade só deveriam ser obedecidas quando houvesse o risco de ser descoberto e punidos.” (Cornford, 2007, p. 38), desse modo fica claro o contraste, que se torna um problema.

Retomando o litígio entre Sócrates e Meleto, Sócrates apresenta sua ironia de modo a elogiar Meleto e demonstrar que seus argumentos são contraditórios (que dizia que Sócrates cometia impiedade, mas ao falar do *dáimon*, Sócrates falava dos deuses), mas porque Sócrates estaria corrompendo a juventude?

Sócrates estava sempre disposto a conversar com qualquer pessoa, tomando sua dialética, apresentava argumentos sutis de maneira a indagar as pessoas que com ele conversava, considerando seu nada saber. Desse modo, Sócrates questionava aqueles que diziam ter conhecimento de modo “irônico” e “confutador”. Dessa maneira, os jovens atenienses se aproximavam de Sócrates

²⁷ (Apologia 24B-C).

e buscavam seguir seu exemplo, questionando e buscando respostas acerca dos assuntos que lhes convinham. Partindo desses pressupostos, os jovens buscavam o aperfeiçoamento moral e ético, e buscavam para si o conhecimento, e que tal conhecimento contrariava os conhecimentos passado pela tradição, que era ensinada por meio do mito, da poesia e dos sofistas. Desse modo, a formação socrática conduzia os jovens ao conhecimento.

E aqui percebemos de que modo Sócrates induzia os jovens ao eros filosófico, ao perceber que havia na alma de tais jovens essa característica que engendrava a investigação à vida filosófica, Sócrates nesse sentido, seria o exemplo para os jovens que nele buscavam esse modo de viver, a síntese do viver teórico com o prático, pois para ser corajoso dever-se-ia saber de antemão “o que é” coragem. E são essas perguntas acerca do conhecimento das virtudes éticas que seriam o ponto fundamental das indagações socráticas e que eram características dos seus diálogos que tanto os jovens imitavam.

Demonstrando a aparência do conteúdo dos que professavam serem sábios, Sócrates os faziam entender, por meio da alma (razão) que os mais velhos de Atenas não eram sábios, causando irritação naqueles que por ele era indagado. Assim, não é de se surpreender que os cidadãos mais velhos, ou aqueles que apresentavam um pretense e aparente saber, se irritavam com os questionamentos dos preceitos morais e éticos que os jovens lhes faziam, desse modo a tomar distinção dos ensinamentos da tradição, tal qual o de Antifonte.

Desse modo, Sócrates, (por meio de sua formação do homem) “estava minando a moralidade da submissão social – aquela moralidade da obediência à autoridade e de concordância com o costume...” (Cornford, 2007, p. 44). Assim sendo, Sócrates estava conduzindo os jovens a: “Descobrir um novo princípio de

moralidade e proclamá-lo sem medo ou compromisso, significa provocar o ressentimento da sociedade...” (Cornford, 2007, p. 44).

Outro ponto importante, Xenofonte nos relata que Sócrates exortava os jovens em relação aos apetites, quer sejam sexuais, quer sejam os do estômago. Pois Sócrates com o maior rigor era homem resistente as intempéries do tempo (frio, calor), suportava fadiga, pois, suas necessidades eram disciplinadas (Xenofonte, p. 24).

Desse modo, ensinava os jovens a autodisciplina (temperança) e a liberdade em relação aos vícios, esse autodomínio (*enkráteia*) seria o domínio da razão (*psyché* – alma) sobre a animalidade, ou seja, a alma tem domínio sobre o corpo. Desse modo, chegaria à autarquia, à autonomia, a saber: o governo de si.

A grosso modo, os jovens estavam “nascendo de novo”, pois, a dialética socrática, e de maneira mais específica, a maiêutica, engendrava novas ideias, que pelo processo do conhecer, trazia à tona, por meio de um mergulho em si mesmo, um novo modo de exercer a vida, e esse novo modo de vida aponta para à excelência do viver, para uma vida virtuosa. Desse modo, os jovens que tinham uma formação cidadã dada pela pólis, encontra sua liberdade para questionar a partir do exemplo de Sócrates. Logo, para os seus acusadores, Sócrates teria corrompido os jovens dos costumes, dos hábitos, que foram transmitidos pelos pais, por seus professores, pela formação cidadã do estado, e que tal ensino, desfazia a contradição engendrada por Antifonte.

Vejamos agora a acusação de impiedade, da descrença nos deuses do Estado e da crença em novas divindade.

Pois bem, como Sócrates sempre indagava o status quo que havia na pólis, não ficou de fora a questão da religião de Atenas. De modo que, percebemos no diálogo de Platão, o *Eutífron*, a concepção do divino e a aplicabilidade dessa crença na prática da piedade. De outro, Xenofonte narra o Sócrates como aquela pessoa que através dos diálogos com seus convivas, era capaz de torna-los melhor. Sócrates, então:

[...] ao instruir seus interlocutores sobre o cuidado com os deuses, admoesta-lhes o autocontrole, tendo sempre em consideração o viver com excelência, demonstrando um Sócrates que respeitava as “virtudes” tradicionais de Atenas. (Xenofonte, Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, 2006, p.19-24).

Ora, no diálogo de Platão “*Eutífron*”, Sócrates apresenta a acusação que Meleto faz perante o Estado, tal como uma criança que corre à mãe para apresentar suas queixas. A acusação de não crer nos deuses antigos e de crer em novos deuses. O que seria essa nova divindade?

Esse novo deus seria o *daímon* (uma entidade intermediária) que regularmente se manifestava para Sócrates, onde ele diz:

“Isto começou na infância, certa voz que se manifesta, e quando se manifesta, sempre me desvia de uma ação que estou preste a empreender, porém jamais me impele a agir.” (Platão, *Apologia de Sócrates* 31d).

Desse modo o *daímon* socrático era, portanto, “uma voz divina” que lhe proibia determinadas coisas: ele o interpretava como uma espécie de privilégio que o salvara várias vezes dos perigos ou de experiências negativas.” (Giovane e Antiseri, 2017, p.91).

Portanto, essa “voz divina”, o *daímon*, se aparta da filosofia socrática, pois ela não revela a sapiência para Sócrates, pois a sabedoria socrática é fruto do *logos*, de sua razão, como também sua opção ética/moral.

Retomando a narrativa, em relação à piedade, Sócrates pergunta à Eutífron se em seu processo ele acusava ou defendia, ele responde dizendo que acusava.

Eutífron acusava o pai de homicídio, pois ele amarrara um escravo que por conta de sua embriaguez, encolerizou-se contra outro escravo doméstico e o degolou. Porém, ao amarrá-lo, pelas mãos e pelos pés, jogou-o em um fosso, enviando um homem para o pórtico do rei para indagar o intérprete dos ritos religiosos, e enquanto esperava, não se importando com o escravo preso, e descuidando-se dele, não se importava se ele morresse, o que veio a acontecer. Pois, em defesa de tal assassino (escravo morto amarrado), Eutífron acusava o pai de assassinato. Desse modo, o pai e os parentes de Eutífron o acusam de ser irreligioso por tal acusação. Assim sendo, Eutífron comunica à Sócrates que seu pai e seus parentes não compreendem a postura divina acerca do religioso e do irreligioso.

Ao propor uma investigação acerca do que é religioso e irreligioso, Sócrates lança mão de seu método dialético, na busca da definição daquilo que a coisa é (essência), e essa é a indagação de suma importância para a excelência filosófica de Sócrates, pois propõe (por muitas das vezes) algumas perguntas em meio aos argumentos acerca das definições dos temas indagados, eis a seguinte questão:

“SÓCRATES: Eis, então, o que acabamos de corrigir nesse raciocínio, o que todos os deuses odeiam é ímpio, e o que todos amam é piedoso, ao passo que aquilo que uns amam e outros odeiam, não é uma coisa nem outra, ou ambas. Acaso você quer que o piedoso e o ímpio sejam agora definidos por nós dessa maneira?

EUTÍFRON: O que nos impede disso, Sócrates?

SÓCRATES: Nada, Eutífron, pelo menos para mim, mas examine o que cabe a você: se, admitindo isso irá me ensinar o que prometeu com maior felicidade!

EUTÍFRON: Ao menos afirmaria que o piedoso é o que todos deuses amam, enquanto o contrário, o que todos os deuses odeiam, é ímpio²⁸.

Seguindo de argumento a argumento, o diálogo por fim terminará de forma aporética.

Portanto, o que levou Sócrates a ser acusado de não crer nos deuses antigos, seria o fato dele questionar (como fez no diálogo Eutífron) o âmago daquilo que se entendia por Religião e o que seria essa prática do religioso. E o método socrático tinha como finalidade (teleologia) a verdade, que ao expor o aparente saber daquele que com ele conversava, ficava patente a falta de conhecimento. Ao utilizar de sua ironia e mascarar-se a si mesmo de ignorância, pois Hadot cita:

“Eterno questionador, Sócrates levava seus interlocutores, por hábeis interrogações, a reconhecer a ignorância deles. Ele os enchia assim de uma perturbação que os levava eventualmente a colocar em questão toda a sua vida.” (HADOT, 2014, p.95).

A partir dessa pequena exposição acerca das acusações que Sócrates sofreu e o motivo de o ter levado ao tribunal de Atenas, apresentaremos em suma, o porquê de sua condenação e algumas menções que Platão relata de seu mestre.

Sócrates relata aos seus concidadãos que recebera uma missão dos deuses, e para tal, colocou-a em prática na investigação filosófica, tendo como fundamento para tal exercício a dialética. Sócrates tinha consciência de sua ignorância (princípio de sua sabedoria – sei que nada sei) perante o deus que tudo sabe, mas a partir de tal não-conhecimento, investigava aqueles que apresentavam um falso saber e aquilo que eles cultivavam. Ao questionar seus interlocutores, se sentiu extremamente insatisfeito, e que, os jovens que o

²⁸ Eutífron, 9D, 9E.

acompanhavam, viam em Sócrates o exemplo de questionador que suplantava aqueles que aparentavam sua sapiência. Ora, ao serem questionados e a serem confrontados, reduziam-se à ignorância, ao não saber de fato, porém, ao reduzir-se ao não saber, ficavam irados com Sócrates, pois Sócrates, desnudava-os de sua aparente sabedoria e dessa maneira confrontava-os. De outro modo, um velho barrigudo de nariz achatado, tagarela, sem formosura, retirava-os de seus “notórios lugares” do saber, causando-lhes insatisfações e ira. Mesmo com todas essas ocorrências, Sócrates continuou vivendo sua vida de filósofo investigando a si e aos outros. De outro modo, de acordo com Kenny:

“Sócrates foi quem iniciou a investigação sistemática sobre a natureza da virtude, situando-a no centro de sua filosofia moral – e na verdade da filosofia como todo” (Kenny, Antony, 2004, p. 302).

Desse modo, ao questionar a si e aos outros, Sócrates observa que seus concidadãos zelavam e cultivavam os seguintes aspectos do viver, são eles: a riqueza, a fama, a coragem, o poder, e etc., o que não eram “coisas” má em si mesma, mas dependeria de sua utilidade e de que modo seriam aplicadas no modo de viver. O que Sócrates contrapõe e apresenta é de maior relevância para ele, e esse valor imprescindível seria o verdadeiro cultivo fundamentado no conhecimento, o verdadeiro cuidado em conhecer-se, e esse cuidado aponta para o próprio homem e como tal homem deveria agir a partir dele, como ele deveria viver, como ele deveria exercer sua existência. Pois, o cuidado de si, realiza um movimento da exterioridade para a interioridade nessa tensão existente em todo o viver do homem. E, já que o homem é sua alma, e a alma é sua razão, é fundamental para o homem o autoconhecimento, o conhecer a si. E o conhecimento de si leva necessariamente a ter consciência da própria consciência, é um exercício espiritual e moral que responderia à questão que foi notoriamente “encarnada” por Sócrates do conhece-te a ti mesmo.

A partir do conhecimento de si, a maiêutica se apresenta como um meio fundamental, pois não só ajudaria no “parto”, na formação de novas ideias (dos preconceitos estabelecidos pela cidade, estabelecidos pelos pedagogos, pela tradição, etc.), como também os purificaria, saindo da *doxa* para a *episteme*.

Sócrates, propondo esse “caminho catártico”, que se empreendia por meio da maiêutica, aponta a possibilidade de que há um viver ético, não mais fundamentado nas verdades que se obtinham à guisa de Heráclito ou Parmênides, que apregoavam que: “[...]Somente o pensamento conhece o verdadeiro, mas este encontra-se na *Phýsis* ou no ser [...]” (CHAUI, 2002, p. 201). De outro modo, Sócrates concebia a verdade, e esse verdade se apresente em que aspecto? No aspecto de que o verdadeiro se encontra em nós, no interior de nossa alma.

Portanto, a partir desse conhecimento verdadeiro encontrado na alma, o homem visa a possibilidade de uma vida com excelência, fundamentada na virtude. Assim sendo, essa é a finalidade da ética socrática.

Voltando ao julgamento. Sócrates apresenta os motivos pelos quais houve tanta irritabilidade de seus concidadãos, pois em função de sua missão aos deuses, e de sua dedicação, corria o risco de ser levado à pena capital, a morte.

Apresentam à Sócrates uma proposta dentre outras (que aqui farei questão de mencionar) que deixariam ele ir, mas sob uma condição, que não gastaria mais seu tempo nas investigações e não se devotaria mais à filosofia, e que se fosse pego em flagrante realizando tal atividade, morreria. Ouvindo tal proposta, Sócrates responde-lhes:

“Estimo-vos, Atenienses, e a todos prezo, porém sou mais obediente do que a vós, e enquanto tiver alento e capacidade, não deixarei de filosofar e de exortar a qualquer um de vós que eu venha a encontrar falando-lhe sempre na minha maneira habitual: Como se dá, caro

amigo, que, na qualidade de cidadão de Atenas, a maior e mais famosa cidade, por seu poder e sabedoria, não te envergonhes de só te preocupares com dinheiro e de como ganhar o mais possível, enquanto à honra e a fama, à prudência e à verdade, e à maneira de aperfeiçoar a alma, disso não cuida e nem cogitais? E se algum de vós protestar e me disser que cuida, não o largarei de pronto e nem me afastarei dele, mas o interrogarei, examinarei e arguirei a fundo. No caso, porém, de convencer-me de que é carecente de virtude, embora diga o contrário, repreendê-lo-ei por dar pouca importância ao que é de mais valor e ter em alta estima o que nada vale. Assim procederei com quantos encontrar: moço ou velho, estrangeiro ou meus concidadãos. Sim, primeiro com estes, por serdes mais próximos pelo sangue. É o que me ordena fazer a divindade, bem o sabeis, estando eu convencido e que nunca nesta cidade vos tocou por sorte maior bem do que o serviço por mim a ela prestado. Outra coisa não faço, senão perambular pela cidade para vos persuadir a todos, moços e velhos, a não vos preocupardes com o corpo, nem com a riqueza, mas a pordes o maior empenho no aperfeiçoamento da alma, insistindo em que a virtude não é dada pelo dinheiro, mas o inverso, da virtude é que provém a riqueza e os bens humanos em universal, assim públicos como particulares. Se com semelhantes ensinamentos eu corrompo a mocidade, é que são realmente, prejudiciais. Estará falando à toa quem afirma que eu ensino coisa diferente. Por isso, Atenenses, vos direis: que obedeçais a Ânito quer não; quer me absolvais quer não, ficai certos que jamais procederei de outra maneira, ainda que tenha de morrer mil vezes” (Platão, *Apologia*, 30A - 30C).

Ora, desse modo apresenta-se um quadro complicado, que denominamos como paradoxo ou dilema. O que se apresenta é a negação de sua vida e de sua missão dada pelo deus à viver uma vida destituída da própria vida, a saber, abrir mão de sua natureza (natureza racional), abrir mão de sua *psiqué*, abrir mão de seu viver ético-moral, o que hoje poderíamos conceituar como caráter ou personalidade.

Sócrates opta em não abrir mão de sua natureza, de sua alma, mesmo que lhe custe a vida. Torres nos cita:

“Para ajuda-lo, alguns amigos de Sócrates teriam proposto a ele que fugisse para outra cidade para não ser condenado a morrer. Mas ele refletiu sobre essa oferta. Se aceitasse fugir, Sócrates teria que abrir mão de suas convicções: a de que concordava com as leis da cidade e a de que ele mesmo via-se no papel de educador que ele próprio acreditava ter-lhe sido dado pelos deuses. No entendimento dos governantes, entretanto, essas crenças morais eram conflitantes. Diante dessas alternativas, Sócrates teria optado em ficar na cidade.

Essa opção implicou em sua condenação e morte.” (Torres, 2014, p. 201).

Dessa maneira, mesmo diante de um dilema moral/ético, Sócrates não prescinde de suas convicções e de sua missão ordenada pelos deuses, e que a voz que lhe proibia sobre determinadas coisas, não o proibiu de ir ao julgamento, o que fazia Sócrates entender que estava fazendo o que era correto.

Assim sendo, Sócrates apresentou a incoerência das acusações e que, mesmo assim, foi condenado pela maioria que errara quando não atentou para suas palavras.

Desse modo, apresento um relato da “Apologia de Sócrates”, que Platão narra acerca do julgamento e defesa de seu mestre, deixando a famosa proposição nela escrita, que diz:” [...] Que a vida sem exame não vale a pena ser vivida [...]”. (Apologia 38C).

Portanto, a partir da apologia que Sócrates faz diante dos juízes, ele expressa uma questão que não pode ser ignorada, a vida virtuosa. Pois a virtude é a perfeição do caráter, na qual conheceremos a nós mesmo para então depois agirmos.

Por fim, Sócrates termina sua defesa depois de ser condenado à morte com a seguinte frase:

“Mas, está na a hora de irmos: eu, para morte; vós, para viver. A quem tocou a melhor parte, é o que nenhum de nós pode saber, exceto a divindade” (Platão, *Apologia*, 42 A).

Interessante notar, que, ainda caminhando para a morte, Sócrates lança a dúvida àqueles que o condenaram, tomando como base sua indagação à religião, fundamento acusatório do qual foi sentenciado à morte, mas mesmo assim, não abria mão de sua missão, de sua natureza, a saber, a natureza do filósofo, aquele que busca à verdade, o amante da sabedoria.

A partir do contexto apologético apresentado acima, Sócrates demonstra seu concatenamento de ideias em sua defesa, argumentando a seu modo, demonstra, por meio de conceitos e definições a contradição de seus acusadores e o porquê de sua condenação.

Desse modo, observamos por meio da filosofia socrática, a clareza e o trabalho que Sócrates dá ao exercício da razão para o “surgimento” e a “construção” do homem, e que a partir de tal empresa racional, demonstrou de que modo dever-se-ia viver na pólis, pois, uma vida voltada à virtude, seria o melhor modo de viver.

Respondendo à missão que o deus lhe deu, Sócrates apresentou aos seus concidadãos uma nova perspectiva em relação a vida virtuosa, e que tal vida visa o cuidado do mais valioso bem que o homem possui, pois esse bem, Sócrates apresenta não fora de si, mas em si, pois, o homem é sua alma, sua razão.

Portanto, para o viver bem, o Homem deve usar sua alma para deliberar segundo a virtude que deve ser buscada, questionada, analisada, refletida, e o mais importante, deve ser uma virtude para uma vida que visa o seu fim, a *eudaimonia* (felicidade).

4 Conclusão

Chegamos em um ponto fundamental do estudo da filosofia, que de modo sistemático, metódico, com argumentos racionais e lógicos, nos apontam um caminho entre muitos caminhos que poderíamos deliberar para o bom viver. Dentro de muitos métodos utilizados, Platão usa o método filosófico da dialética,

mas abre uma sessão parentética para apresentar a narrativa da apologia de seu mestre, Sócrates. Mas dentro dessa narrativa, Platão retrata a dialética socrática, onde Sócrates argumenta em sua defesa os seus acusadores, onde no fim, Sócrates é condenado por uma cidade que se apresentava como justa.

Ora, dentro do quadro da apologia, podemos deduzir o exercício da filosofia que discute os diversos temas importantes da vida. A filosofia cumpre uma tarefa especial e essencial, que é a investigação de problemas que se levantam a todos nós, problema esse que pode se apresentar na seguinte pergunta: O que devemos fazer para viver bem?

Assim sendo, a filosofia nos apresenta uma via (especialmente aqui, a filosofia socrática), via essa que se faz no movimento racional, onde se apresentam ideias, argumentos, críticas, refutações etc.

Portanto, a investigação racional que Sócrates realiza para o conhecimento de si, é uma das mais importantes investigações que podemos fazer em relação à vida e como devemos vivê-la, tendo um direcionamento à virtude, pois, tal investigação apresenta um cultivo e um florescimento do próprio Homem, no pertencimento dele mesmo, e por esse pertencimento, investiga quais são os melhores modo de agir e esse agir visando à justiça. É nesse momento que começamos a ver os critérios da reflexão, das argumentações, das críticas que a filosofia socrática nos apresenta para o melhor exercício da virtude na vida prática, inteligir a vida e por meio dessa intelecção deliberar para o melhor viver, para uma vida que persegue à excelência, pois uma vida não examinada, não merece ser vivida, essa é a ética que Sócrates nos apresenta, uma ética das virtudes.

5 Referências

- CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles, volume 1** / Marilena Chauí – 2. Ed., rev. e ampl. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia, vol. 1: Grécia, Roma e filosofia medieval**. Tradução de Augusto Caballero Fleck, Carlos Guillermo e Ronald Robson – Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.
- CORNFORD, Francis Macdonald, **Antes e depois de Sócrates**. Tradução Valter Lellis Siqueira - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.
- HADOT, Pierre, **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. Tradução Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. – 1. ed.- São Paulo: É Realizações, 2014.
- JAEGER, Werner Wilhelm, **Paideia: A formação do homem grego**. Tradução Arthur M. Parreira; [adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. – 6ª. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental I**. Tradução Carlos Alberto Bárbaro; revisão técnica Marcelo Perine. 2ª ed. – Ipiranga, São Paulo: Loyola Jesuítas, 2008.
- MARTENS, Ekkehard. **A questão de Sócrates: uma introdução**. Tradução Vicente Sampaio. – São Paulo: Odysseus Editora, 2013.
- PLATÃO, **Diálogos de Platão – Teeteto - Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém, Universidade Federal do Pará, 1988.
- Platão, **Diálogos de Platão vol. I – III, Apologia de Sócrates - Critão – Menão – Hípias Maior**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém, Universidade Federal do Pará, 1980.

- PLATÃO, **Diálogos**. Tradução de: José Cavalcante de Souza (**O Banquete**), Jorge Paleikat e João Cruz Costa (**Fédon, Sofista, Político**). São Paulo: Abril Cultural, 1972. – Coleção Os Pensadores VOL. III.
- PLATÃO, **Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton**/ de Platão; organização e introdução: Daniel Rossi Nunes Lopes; tradução e notas: Francisco de Assis Nogueira Barros [**Eutífron**], tradução e notas: Daniel Rossi Nunes Lopes [**Apologia de Sócrates e Críton**]. – I ed. – São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2022.
- PLATÃO, **Fedro ou Da Beleza**. Tradução e Notas de Pinharanda Gomes, VI Edição. Lisboa: Guimarães editores, 2000. – Coleção Filosofia e Ensaio.
- REALE, Giovanni. **Filosofia: Antiguidade e Idade Média vol. I** Tradução José Bortolini. – Edição Revista e Ampliada. – São Paulo: Paulus, 2017. – Coleção Filosofia.
- TORRES, João Carlos Brun. **Manual de ética: Questões de ética teórica aplicada**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2014.
- XENOFONTE. **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates**. Tradução: textos complementares e notas de Edson Bini. – Bauru, SP: Edipro, 2006. – (Séries Clássicos Edipro).